



HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional
de História-ANPUH

Organizadores
Ismênia de Lima Martins
Rodrigo Patto Sá Motta
Zilda Gricoli Iokoi

HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional da ANPUH
Belo Horizonte - MG - julho de 1997

vol. I

ANPUH
Humanitas
PUBLICAÇÕES
FFLCH/USP

1998

Corpo, História e Cidadania

Denise Bernuzzi de Sant'Anna

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Os progressos científicos e tecnológicos que vão da engenharia genética à ergonomia, passando pela medicina e pela dietética contribuíram para mergulhar o corpo humano numa vasta empresa tecnocrática. Fecundação *in vitro*, comércio de órgãos, massificação da cirurgia estética... uma série de práticas médicas e biológicas, em desenvolvimento acelerado desde o final da Segunda Guerra, não cessa de colocar o corpo em questão e de deslocar as fronteiras entre “humano” e não-humano. Deslocamento que ocorre no âmbito industrial, na esfera científica e também no cotidiano, onde proliferam serviços, equipamentos e produtos que propõem, diariamente, a reconstrução e a modificação do corpo, em nome de uma saúde melhor, de mais juventude e beleza. Como se, após séculos de culpabilizações, o corpo tivesse conquistado uma importância inédita, tendo sido amplamente liberado das coações religiosas e morais de um passado recente, para ser reconstruído ao sabor das modas e dos novos investimentos nos campos da cosmética, da dietética, das atividades físicas e terapêuticas hoje em expansão. Como se o “culto ao corpo” contemporâneo implicasse uma ampla ruptura com o passado: ruptura em relação às regras de conduta misóginas e filiadas ao eugenismo; ruptura perante uma tradição religiosa devotada à

pureza sexual; ruptura, enfim, com uma moral do sacrifício e, mais recentemente, com as informações contidas em nosso patrimônio genético.

Entretanto, no seio destas rupturas – nem sempre realizadas por completo – encontramos a renovação de antigos valores e a persistência de receios que atravessam as épocas e as culturas. É no bojo da inflação atual de produtos para o corpo e de saberes sobre o seu bem-estar que expectativas antigas buscam abrigo. Pois estudar o corpo é, em primeiro lugar, confrontar-se com paradoxos e contradições, na medida em que cada prática corporal exprime a persistência de valores e mitos antigos, assim como novas maneiras de definir e tratar as aparências e a saúde. Ao mesmo tempo, estudar o corpo é situar-se num espaço movediço, essencialmente multidisciplinar, para o qual convergem saberes vindos de áreas dispersas da cultura, da medicina à arte, passando pela história e pela antropologia. E, por fim, estudar o corpo, é, para o historiador em particular, deparar-se com a relevância de estudos voltados à antropologia dos gestos, à história das sensibilidades, à história da medicina e do esporte.

Lugar das manifestações biológicas e das expressões psicológicas, receptáculo e processador de símbolos sociais, espaço sobre o qual se inscrevem natureza e cultura, o corpo engloba uma complexidade de histórias cujo conhecimento parece inescrutável. Contudo, ainda não são muitos os estudos que buscam conhecer os processos de manipulação dos corpos nos espaços das indústrias e dos laboratórios responsáveis pela fabricação de produtos para a preservação da vida. Como se a compreensão destes processos escapasse ao historiador, supostamente imerso em paixões e ideologias consideradas – erroneamente – in-existentes no cotidiano dos locais em que o corpo serve como experimento fundamental. Como se houvesse uma distância incomensurável entre ciência e sociedade, tecnologia e cultura. Ora, como compreender a historicidade das práticas corporais, incluindo as relações de gênero, as definições da sexualidade e da saúde, sem

a investigação de sua produção científica e industrial? Se em nossos dias o historiador já consegue “entrar” nos ambientes privados e nos prostíbulos sem a autorização de um oficial da justiça, seria preciso, ainda, que ele mesmo se autorizasse a investigar, também, os laboratórios e indústrias da saúde, agora sem a permissão de um médico ou biólogo.

Desse modo, poderíamos, realmente, defender a tese de que todo estudo sobre o corpo – melhor seria dizer corpos – é necessariamente plural, na medida em que evoca uma série de processos – fisiológicos, culturais e econômicos – nos quais se cruzam domínios da cultura que por vezes acreditamos separados. Como veremos a seguir, é certo que diversos pesquisadores das ciências humanas já dedicaram sua atenção aos estudos sobre a historicidade das “técnicas corporais” no lazer, no esporte e na educação física, assim como já estudaram algumas de suas representações na arte, na moda e na mídia. Do mesmo modo, já dispomos de muitas análises que, direta ou indiretamente, historicizam a variedade de cuidados com o corpo nos campos da saúde, do trabalho e das relações amorosas. Mas é certo, igualmente, que quando se trata de verificar os processos de manipulação do corpo humano e, portanto, da vida, dentro da esfera das ciências médicas (e, atualmente, no âmbito das biotecnologias), as iniciativas ainda são tímidas. Se tal verificação fosse realizada, não apenas por médicos e biólogos, mas também por antropólogos, sociólogos e, especialmente, por historiadores, teríamos, por um lado, a oportunidade de desmistificar a antiga crença segundo a qual aqueles locais da “Ciência” seriam “exteriores” à toda historicidade e à toda “poluição” ideológica. E, por outro, estaríamos contribuindo para ampliar e enriquecer as pesquisas em ciências humanas e a atuação profissional do historiador.

O interesse pelo estudo do corpo humano possui uma história secular, que, evidentemente, se confunde com a história humana. Da medicina dos humores às utopias do corpo-máquina, passando pelo antigo dualismo corpo e alma na filosofia, essa história

recebeu uma atenção maior das ciências humanas no decorrer deste século. A partir dos anos 60, em particular, as contribuições para o estudo do corpo passaram a formar verdadeiras legiões, não apenas nos domínios da medicina e da filosofia mas, em particular, naquele das ciências humanas, principalmente nos Estados Unidos, França e Inglaterra. Na França, os estudos históricos emergentes nos anos 70, diretamente influenciados pela *École des Annales*, por exemplo, contribuíram, em grande medida, para tornar legítima a pesquisa com as práticas corporais nas ciências humanas. Desde então, vários estudos começam a questionar a presença do corpo – seus gestos e os cuidados a ele destinados – nos espaços de trabalho e de lazer, no mundo familiar ou fora dele, o que contribui para a formação de uma “sociologia do corpo”, de uma “antropologia do corpo” e de uma história das práticas e das representações corporais¹. Para o entendimento destes domínios é preciso ter em mente, primeiramente, que eles não englobam unicamente as influências teóricas e os problemas da época contemporânea. Jean Michel Berthelot afirma que podemos reconhecer uma “sociologia implícita do corpo” desde os primeiros passos da sociologia bem como nas pesquisas com trabalhadores desenvolvidas na primeira metade do século passado². Além disso, as esferas da sociologia, da história e da antropologia do corpo não são coesas e contribuem, efetivamente, para o desenvolvimento de análises sobre práticas corporais até então pouco investigadas, tais como aquelas ligadas às experiências de alto risco, incluindo o uso de drogas e certas competições esportivas. Por fim, é necessário ressaltar que os domínios destinados ao estudo do corpo estão em contínuo processo de mudança: por exemplo, nos anos 70, era comum a emergência de pesquisas preocupadas, principalmente, em relacionar o corpo aos mecanismos de alienação, típicos das sociedades de consumo em plena expansão. A revista francesa *Quel Corps* é um exemplo de publicação situada dentro dessa perspectiva de análise. Fundada em 1975, seu primeiro número apresenta treze teses sobre o corpo e vinte sobre

o esporte. Estas últimas foram fortemente influenciadas pelas leituras de Marx e Reich. Diversos números da revista contaram com as participações de Jean-Marie Brohm, Michel Caillat e Jean Baudrillard, pesquisadores que ressaltaram, cada um a seu modo, o quanto a bandeira da liberação corporal poderia significar uma nova forma de alienação antes desconhecida. Como se toda liberação proposta na esteira de 68 tivesse, rapidamente, sido recodificada e transformada em mercadoria ou em “soft pornografia”. É a partir do desenvolvimento de estudos desta natureza, que, desde o final dos anos 60, o corpo transforma-se em objeto de questionamento privilegiado das ciências sociais.

Entretanto, quanto mais caminhamos em direção aos anos 80, mais chances teremos de encontrar estudos que ultrapassam esta perspectiva ideológica, não necessariamente para negá-la, mas para fornecer uma complexidade maior às análises em curso. Uma nova geração de pesquisadores influenciados diretamente pelos estudos sobre a sexualidade, a loucura, a medicina e a disciplina, desenvolvidos por autores como Norbert Elias, Marcel Mauss e, ainda, Michel Foucault, começa a questionar os pressupostos a-históricos por vezes atribuídos aos cuidados com o corpo em diferentes épocas e culturas. Mauss e Elias, que, segundo perspectivas diferentes, viveram os anos 30, quando o corpo tornava-se objeto de novas atenções, sobretudo na arte, no cinema, no esporte e na educação física, contribuíram, amplamente e cada um a seu modo, para legitimar o caráter social e histórico dos gestos e comportamentos humanos. Mais recentemente, estudando a produção dos saberes nas ciências humanas, detectando as relações de poder em sua positividade e investigando a construção histórica dos modos de sujeição a si, Michel Foucault contribuiu, em grande medida, para colocar o corpo no centro dos problemas históricos. Não haveria, em sua perspectiva, uma história do corpo na medida em que não existiria um corpo já pronto, à espera de ser liberado ou castigado. Principalmente nos dois últimos volumes da *História da sexualidade*, são as relações que emergem

como constituintes dos corpos, são as práticas sociais, historicamente datadas, que produzem, ao longo da vida, sentimentos, preferências, aparências e fisiologias. Com Foucault fica evidente que o trabalho do historiador não seria aquele de buscar as transformações que um certo objeto sofreu ao longo dos anos e em cada cultura, pois esse autor não persegue o objeto mas sim as suas “condições de possibilidade” que, em cada época, fazem emergir as designações, divisões, formas de controle e de resistência. Nesse sentido, a pesquisa histórica não buscaria “o corpo”, mas as práticas, as experiências, as relações sociais que visam fortalecê-lo ou enfraquecê-lo em cada circunstância.

A partir da influência de Foucault surgiram inúmeros trabalhos sobre o corpo. Michel Dostie, por exemplo, ultrapassa a visão de um corpo essencialmente psicologizado, ou percebido como assunto do âmago privado, para estudar sua morfologia, seu psiquismo e seus gestos segundo uma perspectiva sócio-histórica³. Georges Vigarello, outro exemplo, analisa historicamente a criação e o uso de instrumentos e saberes destinados à pedagogia e à civilização das condutas, apontando, ao mesmo tempo, as zonas de descontrole, os limites e as resistências que participam de cada estratégia criada para normalizar os indivíduos⁴. Philippe Perrot também analisa o trabalho de cuidar da aparência corporal e observa que nele encontramos não apenas o desaparecimento das coações de outrora, não simplesmente rupturas no modo de lidar com a beleza e a higiene corporal, por exemplo, mas também, a interiorização de formas de vigilância e de governo do corpo que podem ser antigas ou não⁵. Muito da investigação das condições de possibilidade implicadas na transformação dos comportamentos, incluindo a gestualidade e a percepção humanas, é movida pela ambição de saber como foi possível tornar habitual, normal e adequado a nós não apenas certos valores e práticas outrora inadequados ou sem sentido, mas também, determinados modos de ver, ouvir e dizer o mundo. Destaca-se, nesta perspectiva, o singular trabalho de Alain Corbin, responsável por lançar

as bases para uma antropologia sensorial, cujo objetivo principal é sempre o de perceber, no decorrer do tempo, as transformações da sensibilidade humana⁶.

Os diferentes trabalhos sumariamente mencionados aqui, não se limitam a revelar quão diferentes são os corpos do passado, seus modelos de conduta e os valores a eles ligados. Eles nos fornecem, também, o privilégio de tornar estranho, nem que seja por alguns instantes, os gestos, as verdades, os hábitos que hoje nos são familiares e indispensáveis. Por vezes, eles nos indicam ainda as assíduas alianças entre o cotidiano e a ciência, entre técnica e cultura. E, através destas alianças, os históricos ideais de saúde e de corpo eficaz, vigentes no universo tecno-industrial se revelam estreitamente relacionados às concepções e usos do corpo no cotidiano o mais banal.

Desde o século passado, por exemplo, encontramos a disputa entre modelos de eficácia corporal que possuem em comum o fato de serem constituídos por interesses ao mesmo tempo políticos, econômicos e científicos. Vários exemplos poderiam ser fornecidos a este respeito⁷. Entre eles, predomina o famoso modelo corporal da “máquina energética”: filho direto da termodinâmica, herdeiro de seus comprometimentos com os resultados da segunda revolução industrial e com a globalização em curso desde a segunda metade do século XIX, este ideal de corpo se quer liberado das supostas leis naturais e divinas, desvincilhado dos laços de sangue e das tradições locais. No lugar do corpo aberto e atravessado por humores, ou ainda do modelo mecanicista, prevalece, agora, o modelo do corpo assimilado ao motor à combustão enquanto que o humano é comparado à locomotiva. Pois, tal como o universo das máquinas, o ideal de corpo predominante nestes novos tempos não será mais aquele dos relógios, moinhos e alavancas. O corpo não deverá mais ficar à espera de um sopro divino para fazer mecanicamente seu trabalho. A força não lhe é dada, tem de ser produzida⁸. Mais do que nunca o homem se distancia de qualquer semelhança com a natureza e da

dependência com a vontade divina. A vontade deve, dizem médicos e empresários, vir de dentro de cada um, sendo construída no cotidiano, através da ginástica, da boa alimentação, e, sobretudo, da disciplina no trabalho. É quando uma “pastoral do suor”⁹ atinge os corpos, no lazer e nas fábricas, assim como modifica o imaginário ligado ao funcionamento orgânico. Já no início deste século, os anúncios publicitários, na Europa e também no Brasil, ilustram o fato: elixirs para *acelerar* o processo de digestão dos alimentos, estâncias balneárias e águas medicinais para limpar o organismo, desobstruir os canais de circulação dos fluxos, facilitando o aumento da produção de energia, exercícios para majorar o vigor dos corpos, atenção extremada à saúde dos pulmões, esse centro de combustão do corpo, tal qual ele é entendido nesta era da termodinâmica. Limpar, acelerar os movimentos, produzir mais rápido: tais são os enunciados dirigidos aos corpos humanos e às cidades, a cada organismo e a cada trabalhador. Já assistíamos, desde então, à emergência do homem “excitado” mencionado por Nietzsche, mas também preparávamos o terreno para o homem super-excitado do qual fala Virilio¹⁰.

Nas grandes capitais brasileiras, a voga do *sportman*, do início do século, visava, justamente, criar “uma nova raça”, capaz de atualizar o ideal produtivista. Interessante observar que, desde então, a educação física começa a receber uma atenção especial. Ao contrário dos espartilhos e coletes que moldavam o corpo do exterior, sem exigir dele nenhuma força, com a ginástica e os esportes o corpo será chamado a se fortalecer sozinho, utilizando para tanto as suas próprias forças. Mas, por isso mesmo, ele será coagido, também, a render mais. Imediatamente qualquer desperdício de energia se torna uma grande ameaça. Empresários e médicos se apressam em diagnosticá-las: o álcool, o jogo, a prostituição, a masturbação não são mais, apenas, práticas pecaminosas ou excessos da vadiagem. Elas representam, sobretudo, desperdício de energia, logo de trabalho.

Contudo, até meados deste século, a demanda pelo aumento da produtividade reluta em associar termos até então opostos: sedução e higiene, prazer e desgaste físico, trabalho e lazer. Será preciso esperar que as grandes mensagens ideológicas percam sua força de adesão social, que a crença numa história linear rumo ao progresso seja esmaecida, que a sociedade de massas se desenvolva, para que os apelos em torno do aumento da produtividade possam aliar o prazer à disciplina no trabalho. Será preciso também que a biologia molecular se desenvolva, acelerando transformação dirigida do ser vivo, para que o saber sobre o corpo ganhe uma profundidade e uma complexidade inéditas. Será necessário enfim que as técnicas de intervenção e de “escuta” do organismo se sofisticuem e se massifiquem, que se banalize enfim o espaço corporal – na mídia e na medicina –, para que um novo modelo de corpo seja construído.

Desde então, o modelo energético, produzido pela termodinâmica, começa a concorrer com a imagem de um corpo *informatizado*: não apenas máquina de produção e consumo de energia, mas também de informação. Se com a informática o pensamento sai da era Gutenberg, com o desenvolvimento da bioquímica, da genética e da biologia molecular, o ser vivo será percebido como sendo, fundamentalmente, um produtor e um transmissor de *informação*¹¹. No domínio científico e fora dele, fica a impressão de que o corpo passou a ser semelhante a um texto que se dobra sobre si mesmo, um dispositivo composto por redes de mensagens cujas possibilidades de interpretação parecem mais variadas e fragmentadas do que no passado. A diversificação e a multiplicação de exames médicos, por exemplo, exigem uma interação maior entre ciência e tecnologia. Muitas vezes, o olho humano é substituído por máquinas capazes de reconstituir as imagens do organismo em três dimensões, o que demanda da medicina o aprendizado de uma nova semiologia. O progresso no conhecimento do corpo deixou, portanto, de estar limitado a uma medida humana, pois tal medida passou a estar contida nos próprios

instrumentos e técnicas de investigação, o que leva a ciência à ultrapassar a escala humana individual. Da biologia molecular à bioengenharia, o conhecimento do ser humano não poderá mais ser concebido sem a leitura, a descrição, o tratamento, a seleção, a análise e a reprogramação da informação biológica num nível infinitesimal¹². Com o Projeto Genoma, por exemplo, uma espécie de carta de informação invisível, interior a cada indivíduo, promete revelar as suas singularidades e os seus limites.

Entretanto, repetindo uma tendência histórica, quanto mais avançamos na pesquisa da identidade do corpo, mais amplo e complexo será o espaço onde supostamente encontraríamos suas verdades. Como se, doravante, para investigar a identidade própria ou alheia tivéssemos que perguntar não apenas quais os segredos do coração, do pensamento ou do inconsciente, mas também o que está guardado nesta outra memória do ser, ou seja, quais informações revelam o seu genoma. Além disso, é no seio de rupturas no modo de pensar e tratar o corpo que antigos receios podem ser atualizados. Nesse sentido, em plena era de transformação do ser vivo num “pacote de informação”, a secular cisão entre corpo e alma tende a tomar a forma de uma divisão entre dois tipos de indivíduo: aquele que é sensível à escuta de seu íntimo, atento e devotado à decifração de sua sexualidade e de seus afetos, disposto a ampliar a zona de diálogo consigo mesmo, em oposição ao indivíduo supostamente considerado alienado em relação a seus desejos, insuficientemente liberado para poder encontrar prazer em se auto-decifrar, analfabeto em relação às formas de expressão da subjetividade manifestadas através das novas técnicas de escuta em desenvolvimento. Sob a era da obsessão pela informação, quando o corpo se torna pura linguagem, meio, mensagem, os que permanecem analfabetos em relação à leitura de suas próprias intimidades, alheios aos prazeres da decifração do corpo, correm o risco de ser considerados os *novos excluídos da história*.

Todavia, esse corpo que se quer liberado é coagido a se desvencilhar, também, das antigas noções de normalidade até então existentes. Se no século passado o controle do corpo encontrava um poderoso argumento na necessidade do fortalecimento da raça, a partir de meados desse século é sobretudo o *bem-estar individual* que vai se tornar uma justificativa inquestionável. A definição de saúde amplia sua zona de normalidade para ser compreendida como sinônimo de bem-estar e prazer, enquanto que sua apologia é paralela à galopante desnaturalização do sofrimento. Como se, doravante, tudo estivesse destinado a fornecer, unicamente, prazer. Assim, principalmente após os anos 60, com os movimentos de liberação social, a relação do homem com o seu passado se vê transformada: se anteriormente era comum que ele se arrependesse dos pecados cometidos ou dos prazeres furtivamente experimentados sem o consentimento social, em nossos dias, ele tende a lamentar os possíveis prazeres que deixou de viver, as supostas relações sociais que não experimentou. O passado continua a perseguir cada um, no entanto, menos para trazer a memória culpada da transgressão e muito mais para lembrar os prazeres que poderiam ter sido vivenciados. Pois na medida em que o prazer ganha legitimidade e o bem-estar se torna uma regra, toda satisfação obtida se quer para além do lícito e do ilícito, para além da moral e de toda oposição. Nesse sentido, as grandes cidades multiplicam seus serviços de fornecimento de bem-estar e enfatizam que é preciso ter prazer em tudo o que se faz: é preciso ter prazer não apenas no lazer, mas também no trabalho, nas relações conjugais e extra-conjugais, na rotina ou fora dela. Como se o prazer não pudesse mais ser algo extraordinário.

Com a beleza feminina ocorre algo similar. Se no tempo de nossas avós ela ainda era considerada um dom, recentemente ela foi transformada em algo que se conquista, individualmente, cotidianamente¹³. Por conseguinte, ela deixa de ter um limite preciso: não há mais idade para começar nem para parar de se preocupar com o embelezamento. Os cuidados de beleza transformam-se

em experiências mais flexíveis, mas por isso mesmo exigem novas competências e novas regras. Em suma, para ser belo e saudável não basta mais curar as doenças, usar um espartilho, cobrir o que se acha feio. É preciso corrigir, prevenir, é preciso não apenas parecer belo e saudável mas sê-lo, autenticamente, para os outros e para si mesmo. Desse modo, em vez da imposição do apertado espartilho, teremos a livre escolha da disciplina oferecida pelos inúmeros exercícios e pelas centenas de dietas.

182

Liberamos o corpo da natureza divina, dos moralismos de outrora, e, neste século, não cessamos de liberá-lo também de suas células, de sua pele, de seus genes e de suas informações. Não apenas nos laboratórios, mas também na mídia, na proliferação de heróis de seriados e filmes, cujo corpo se mostra um misto de silício, carne, *chips* e sentimentos. Expedição de células pelo correio, construção de organóides, reprodução *in vitro*, transplante de órgãos e de genes, a dispersão corporal está no mundo científico e fora dele atinge populações carentes e grandes multinacionais, interfere na ecologia e nas formas cotidianas de conceber a saúde e a vida conjugal. Para que as diversas partes corporais sirvam como equivalentes gerais de riqueza, a história de suas singularidades é apagada. Os estóicos já haviam dito que o desequilíbrio significava separar uma parte do todo. Pois o que é uma célula liberada do corpo onde sempre viveu, ou então, o que é um clone liberado da terra e de todo corpo? Nesta época devotada em ressaltar o direito ao prazer, tão prolixa em relação à manutenção da vida, é urgente o desenvolvimento de estudos históricos dedicados às práticas corporais, não apenas no cotidiano das famílias, mas também nos laboratórios e nas indústrias, não para simplesmente denunciá-los, mas para historicizar seus produtos, evidenciando aquilo que raramente conseguimos ver: as estreitas conviências entre aqueles produtos resultantes da engenharia genética ou da cosmética, por exemplo, e nosso modo de vida cotidiano. Conviências que passam necessariamente pelo atual imperativo da livre escolha e que se pautam menos pelo direito à

cidadania do que pelo direito ao consumo. Recorrer à análise histórica, longe de solucionar estes dilemas, possa, talvez, impedir que eles sejam retirados do tempo. É quando começamos a conhecer a idade de alguns dos receios diante do corpo que envelhece, por exemplo, assim como a natureza dos sonhos em face das promessas de beleza e saúde eternas. O que não é suficiente, é lógico, para evitar os primeiros, nem para realizar os segundos. Mas pode ser muito útil para que se possa entrar em contato com temores e expectativas existentes em outras épocas, quando os valores e os ideais corporais se sustentavam em modas, tradições, justificativas e conceitos científicos hoje tornados, muitas vezes, hilários.

NOTAS

- ¹ Para um diversificado apanhado dos trabalhos sobre o corpo nas ciências humanas, ver, FEHER, Michel et alii *Fragments for a history of the human body*. Nova York, ZONE, 1989, 3 vols. Ver, também, ANDRIEU, Bernard. *Une histoire du corps au XX^e siècle*. Paris, L'Harmattan, 1993.
- ² BERTHELOT, Jean Michel. "Corps et Société, problèmes méthodologiques posés par une approche sociologique du corps". In *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXXIV, 1983, pp. 121-122.
- ³ Cf. DOSTIE, Michel. *Les corps investis*. Quebec, Oxalis, 1988.
- ⁴ VIGARELLO, Georges. "Panóplias corretoras, balizas para uma história". In SANT'ANNA, Denise B. *Políticas do corpo, elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995, p.21. Vigarello possui uma ampla obra sobre a história das práticas corporais. Destacamos seu último livro, *Histoire du viol*. Paris, Seuil, 1997, no qual é analisada a emergência de novas intolerâncias em relação à violência sexual na França, durante os séculos XVIII e XIX.
- ⁵ PERROT, Philippe. *Le travail des apparences ou les transformations du corps féminin XVIII-XIX siècle*. Paris, Seuil, 1984, p.206.
- ⁶ Entre os estudos de Corbin, destacamos: *Cloches de la terre, paysage sonore et culture sensible dans les campagnes au XIXe siècle*. Paris, Albin Michel, 1994; *Le temps, le désir et l'horreur. Essai sur le XIXe siècle*. Paris, Albin Michel, 1991; *Le miasme et la jonquille*. Paris, Flammarion, 1982.
- ⁷ Realizamos um resumo destes modelos no artigo: "Corpo e História" In *Cadernos de Subjetividade*, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1995.
- ⁸ Desenvolvemos melhor este problema no artigo "O receio dos 'trabalhos perdidos'; corpo e cidade" In *Revista Projeto História*, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC/SP, 1996.

- ⁹ A este respeito ver o artigo de COURTINE, Jean-Jacques. "Os stakanovistas do narcisismo". In Sant'Anna, Denise B. de, *op. cit.*
- ¹⁰ Paul Virilio. *L'art du moteur*. Paris, Galilée, 1993, pp.129-167.
- ¹¹ Ver OLBY, R.C., CANTOR, G. N., CHRISTIE, J.R.R. e HODGE, M.J.S.(eds.). *Companion to the History of Modern Science*. Londres, Routledge, 1990, pp.503-520.
- ¹² ROSNAY, Joël de. *L'aventure du vivant*. (Sciences). Paris, Seuil, 1991, pp.188-189. Serres, Michel. *Les messages à distance*. Québec, Fides, 1994.
- ¹³ Ver nosso doutorado: *La recherche de la beauté. Une contribution à l'histoire des pratiques et des représentations de l'embellissement féminin au Brésil, 1900 à 1980*. Paris, Universidade Paris VII, 1994, 658p.

